



## DE ÉMILE DURKHEIM A SALOMON REINACH\*

TRADUÇÃO DE RAQUEL WEISS E EDIÇÃO DE RAFAEL BENTHIEN

[\*] Uma primeira versão dessa edição crítica foi publicada em uma revista especializada inglesa. Veja-se, quanto a isso, Benthien, R. F. "Lettres d'Émile Durkheim à Salomon Reinach". *Durkheimian Studies*, 2010, pp. 19-35.

[1] O tratamento reservado a Reinach, "camarada" [*camarade*], não denota amizade ou intimidade. Palavra oriunda do jargão interno da École Normale Supérieure, ela apenas deixa explícito o fato de Durkheim ter integrado, como Reinach, tal instituição.

[2] Encontram-se ecos dessa visita em uma carta de Durkheim a Mauss. Cf. Durkheim, É. "La prohibition de l'inceste et ses origines". *L'Année Sociologique*, I, 126, 1898, p. 1-70.

[3] Em uma carta datada do mesmo dia e endereçada a Mauss, Durkheim faz também referência a essa questão. Durkheim, É. *Lettres à Marcel Mauss*. Paris: PUF, 1998, p. 146.

[4] Frederick Cornwallis Conybeare (1856-1924), linguista britânico, professor na Universidade de Oxford. Ele também é autor de um livro em inglês sobre o Caso Dreyfus (Conybeare, F. *The Dreyfus Case*. Londres: G. Allen, 1898).

[5] Marie Charles Ferdinand Walsin-Esterhazy (1847-1923), oficial francês de origem húngara. Vinculado ao Estado-Maior do exército, foi acusado por Picquart de ser o autor do documento que serviu à condenação do capitão Dreyfus.

[6] Raoul Le Mouton de Boisdeffre (1839-1919), general e chefe do Estado-Maior do exército francês durante o Caso Dreyfus.

Bordeaux, sexta-feira [março de 1898]

Senhor e caro camarada<sup>1</sup>,

Estou muito feliz que a revista *L'Année Sociologique* tenha lhe sugerido a ideia de convidar-me a encontrá-lo. Estarei em Paris nos dias 3, 4 e 5 de abril e passarei ainda alguns dias do final da semana de Páscoa. Salvo qualquer manifestação contrária de sua parte, irei à sua casa no domingo pela manhã, entre 10 e 11 horas. Se estiver ocupado, peço que me diga quando terei oportunidade de encontrá-lo novamente. Meu endereço em Paris é o seguinte: Faubourg Saint-Martin, 162. Eu estarei nesse local a partir de sábado à noite, dia 2 de abril.

Meu senhor e caro camarada, queira receber a garantia dos meus mais devotados sentimentos<sup>2</sup>,

É. Durkheim

Bordeaux, Boulevard de Talence, 218, 15 de junho de 1898

Caro senhor,

Recebi ontem de meu sobrinho Mauss, que atualmente está em Oxford, uma carta na qual ele me relata uma conversa que teve com o autor do artigo da *National Review*. É provável que ele não tenha tomado o conhecimento de nada que o senhor já não soubesse. No entanto, para tranquilizar minha consciência, creio dever reportar-lhe a aquilo que ele me disse, a fim de que possa ver se existe algo de novo e, nesse caso, se há algo a ser feito<sup>3</sup>.

O sr. Conybeare<sup>4</sup> (o autor do artigo) disse-lhe ter obtido as informações do próprio Panizzardi, o qual disse o mesmo que Casella. Mas eis o que me pareceu mais interessante: Esterhazy<sup>5</sup> apresentou os documentos como se fossem oriundos das mais altas autoridades do exército, a começar por De Boisdeffre<sup>6</sup>. Ele contou como todos os oficiais de todos os escritórios repetiam-lhe tudo. Isso me parece uma explicação muito esclarecedora da atitude do Estado-maior. Eis como ele os controla.

Panizzardi [*sic*] afirmou que os atos do processo estão nas mãos do Estado-Maior prussiano, que pretende servir-se deles, como explicou

seu irmão em seu recente artigo no *Siècle*<sup>7</sup>, em um momento oportuno. A embaixada da Itália possui cópias fotográficas com as quais o sr. Conybeare teve contato por um instante. Isso ocorreu em um momento no qual essas cópias estavam para ser publicadas nos jornais ingleses, quando então chegaram ordens contrárias, impedindo a publicação. Entretanto, o sr. Conybeare acredita que a publicação poderá ocorrer em breve.

Sabe-se tudo isso? E caso não se saiba, ou não se saiba o suficiente, a quem seria preciso informar? Essas são as questões que tomo a liberdade de fazer a você.

Jullian<sup>8</sup> comunicou a mim as cartas que o senhor lhe escreveu, ao menos aquelas nas quais o informa sobre alguns fatos que chegaram ao seu conhecimento. Esteja certo de que Jullian não precisa ser convencido. Eu não acredito que ele tenha dúvidas. Eu apenas não consegui fazê-lo compreender que era seu dever afirmar seu sentimento<sup>9</sup>.

Eu vos peço, caro senhor, que receba a garantia de meus mais devotados sentimentos,

É. Durkheim

Bordeaux, Boulevard de Talence, 8 de fev. de 1899

Caro senhor,

É de seu conhecimento um artigo de Lucien-Victor Meunier, publicado no *Rappel*, entre 22 e 30 de agosto, no mais tardar<sup>10</sup>, e no qual se dava a entender que no dia 22 o sr. Joseph Reinach estava em Évian? Eu me pergunto se essa não seria a origem do falso “*Bleu*”<sup>11</sup>.

Eu estava em Vevay no dia 22; ora, poucos dias depois li o artigo e me recordo muito bem de ter tido a impressão, ao lê-lo, de que seu irmão estava em Évian no mesmo momento em que eu estava em Vevay<sup>12</sup>. Outras pessoas podem ter tido essa mesma impressão e pode ter-lhes sugerido toda essa história.

Em todo caso, envio-lhe essa observação e lhe peço que receba a garantia de meus mais devotados sentimentos,

É. Durkheim

Bordeaux, 25 de abril de 1899

Caro senhor,

Eu só pude tomar conhecimento de seu artigo há alguns dias<sup>13</sup>; o exemplar de *L'Anthropologie* ainda não havia chegado na faculdade no momento em que saí de férias, no final de março. Eu tenho grande apreço pela atenção que o senhor concedeu ao meu trabalho e pelos termos com os quais se referiu a ele. Aliás, estou disposto a aceitar suas conclusões, isto é, suas reservas. Tanto mais me parece correto

[7] Joseph Reinach (1856-1921), político de carreira que, nesse momento, encarregou-se da defesa de Dreyfus. Sábado, dia 4 de junho de 1898, *Le Siècle*, jornal dreyfusard, publicou o artigo de J. Reinach ao qual Durkheim faz alusão, “Les enseignements de l'Histoire” [As lições da História].

[8] Camille Jullian (1859-1933), historiador de origem protestante. Antigo aluno da École Normale Supérieure (promoção de 1877), *agrégé d'histoire et de géographie* (1880), antigo membro da École Française de Rome e aluno de Mommsen em Berlim (1880-1883). Nesse momento, tal como Durkheim, ele era professor de história na Universidade de Bordeaux (*histoire romaine, antiquités grecques et latines, histoire de Bordeaux et de La Région du Sud-Ouest* [história romana, antiguidades gregas e latinas, história de Bordeaux e da Região do Sudoeste]).

[9] Durkheim se enganou quanto às convicções de Jullian. Veja-se, sobre isso: Durkheim, É. “Lettres à Camille Jullian”. *Études Durkheimiennes*, vol. 7, 1982, pp. 2-3.

[10] Entre 22 e 30 de agosto de 1898, Lucien-Victor Meunier escreveu dois artigos sobre o Caso Dreyfus para o *Le Rappel*. O primeiro, ao qual Durkheim provavelmente faz referência, “L'arbre mort” [A árvore morta], foi publicado no dia 22 de agosto. O segundo artigo, “Hommage à la France” [Homenagem à França], foi publicado no dia 29.

[11] Os telegramas, em fins do século XIX, eram enviados em papel azul (daí a expressão “*bleu*”). O falso telegrama, ou “*faux bleu*”, é um episódio importante do Caso Dreyfus. Veja-se, sobre esse ponto, Duclert, V. *L'Affaire Dreyfus*. Paris: La Découverte, 2006, pp. 25-6. A alusão ao telegrama, porém, é pouco clara. Não nos foi possível entender a correlação que Durkheim estabelece entre o artigo de Lucien-Victor Meunier citado, a presença de Joseph Reinach na Suíça e o episódio.

[12] Em agosto de 1898, Durkheim estava em férias na Suíça (Villars-sur-Ollon). Ele passou por Vevay, que ele escreve Vevay, antes de voltar para casa.

[13] Trata-se de Reinach, S. "La prohibition de l'inceste et ses origines". *L'Anthropologie*, vol. 10, 1899, pp. 59-70. Veja-se também o que Durkheim escreve a Mauss sobre a carta de Reinach por meio da qual ele soube da existência desse artigo (Durkheim, *Lettres a Marcel Mauss*, op. cit., pp. 206-7).

[14] O referido correspondente não foi identificado. Uma hipótese é que se trate de Franz Cumont, o qual, na época, preparava seu livro sobre o culto de Mitra (Cumont, F. *Les mystères de Mithra*. Bruxelas: H. Lamertin, 1900).

que a exogamia é o produto de um tabu, e que esse tabu tem sua origem nas crenças relativas ao sangue, tanto mais reconheço que minha explicação sobre essas crenças é ainda incompleta. Acredito que para torná-la mais satisfatória seria preciso retomar e renovar a teoria do totemismo; em virtude da reação contra Smith e Frazer, tendemos hoje a fazer do totemismo um fato secundário; acredito que é preciso manter a importância primária que esses autores atribuíram a ele, mas com a condição de ampliar e aprofundar essa concepção.

No que se refere ao pudor, li com muito interesse a carta que o senhor teve a gentileza de me enviar<sup>14</sup>. Parece-me que estou de acordo com seu correspondente em dois pontos essenciais. Nós vinculamos o pudor ao uso de vestimentas; ambos vemos nesse costume um rito de magia religiosa. Isso é de importância capital. Resta saber com precisão o que determinou esse rito: a crença no mau olhado ou os preconceitos relativos ao sangue? A vestimenta é um meio de impedir que os fluidos terríveis saiam da mulher, ou, ao contrário, prevenir as influências funestas que a mulher poderia receber do meio exterior? Não tenho qualquer razão para negar *a priori* que a crença do mau olhado também esteja presente nesse fenômeno de alguma maneira: sabemos o quanto essas representações religiosas, imprecisas por natureza, tendem a se misturar e a se perder umas nas outras, a formar uma nova totalidade e a confundir suas ações em um mesmo sentido. Mas, tomada isoladamente, a crença do mau olhado parece-me uma causa pouco provável para explicar esse fenômeno. Nós sabemos que, de modo geral, a mulher, *a partir do momento que surge a menstruação*, é acusada de estar sob influências terríveis, dos pés à cabeça, por assim dizer.

A perspectiva do parto, por si só, dificilmente pode dar conta de um estado tão profundamente constitutivo, pois o parto não é mais do que um acidente, algo relativamente raro. Um estado assim tão crônico requer uma causa de um mesmo gênero, ainda que, com efeito, as precauções relativas à gravidez possam ser parte do resultado total. Além disso, considerando tudo o que sabemos sobre a situação religiosa da mulher, não é mais provável que a vestimenta seja destinada a interceptar as influências que se supõe que emanam de sua pessoa, do que a colocar essa pessoa ao abrigo das influências exteriores? São os homens que se protegem contra as mulheres, ainda que a necessidade de proteger a mulher contra ela mesma em certos momentos de sua existência possa ter confirmado ou desenvolvido práticas que essa necessidade sozinha não basta para explicar.

Ademais, seu correspondente traz uma explicação bastante próxima àquela que eu proponho. Ele afirma que a vestimenta primitiva do homem vem do fato de que a alma está supostamente contida no líqui-



do seminal. Mas então por que não admitir que a alma está também no líquido menstrual, e com isso me refiro ao princípio da vida, à coisa sagrada que está em cada um, e assim explicar a vestimenta da mulher da mesma maneira? Essa aproximação é ainda mais fundamentada porque o próprio líquido seminal contamina tanto quanto o líquido menstrual, e assim dá origem às mesmas interdições (embora sejam mais fracas, creio eu). A respeito desse ponto, veja o Levítico. O paralelismo é tal que eu até pensei em utilizá-lo no meu artigo.

O fato de que a mulher deva cobrir seu corpo, e sobretudo seus olhos, vem simplesmente do fato de que ela é impregnada de religiosidade (eu utilizo essa palavra em seu sentido ambíguo) em toda a sua pessoa. Sabemos, por outro lado, que frequentemente é na cabeça que se situa o elemento tabu; daí decorre a obrigação de cobrir a cabeça, que é tão frequente, e que persiste ainda nos ritos semitas, mesmo para os homens.

O único fato que realmente me leva a refletir é que esse costume sobre o uso das vestimentas, em alguns casos, só se torna regra após o casamento. É algo que se deve analisar melhor.

De resto, tudo o mais é relativamente secundário. O essencial é colocar o problema dos costumes sexuais e dos sentimentos a eles relacionados em termos que permitam tratá-los cientificamente. Quando começamos a tratar o pudor, o ciúme e todas essas características distintivas do sentimento sexual como fatos primitivos, não podemos explicar nada; porque assim tudo o que podemos dizer é que os costumes relativos ao pudor vêm do pudor. Mas é diferente quando se vê neles o efeito, e não a causa, quando se explica a reserva sexual, esse mistério que cada sexo tem em relação ao outro, pelo fato de que desde o início certas razões sociais separaram tão violentamente os sexos, tornando-os quase duas espécies distintas. Assim não corremos o risco de estabelecer um fato primeiro, irredutível, *a priori*, que não podemos explicar. — Esse também é o seu sentimento e fico feliz em ver que estamos de acordo em relação a esse ponto essencial.

Lamentei muito não tê-lo encontrado durante minha passagem por Paris, no final de março. Pensando que iria encontrá-lo, esperava poder manifestar oralmente meus pêsames pela situação de luto que o senhor vivenciou tão cruelmente neste inverno<sup>15</sup>. Mas agora já é um pouco tarde para isso; contudo gostaria apenas de afirmar que não houve indiferença de minha parte.

Queira aceitar, caro senhor, as minhas desculpas por essa carta tão longa, bem como a garantia de meus mais devotados sentimentos.

É. Durkheim

O tomo II de *L'Année* foi publicado há alguns dias; portanto já era muito [tarde] para inserir sua interessante carta.

[15] Durkheim alude aqui ao falecimento de Hermann Reinach, pai de Salomon.

[16] Georges Rodier (1864-1913), *bachelier ès sciences* (1880) e *ès lettres* (1881); estudante na Faculdade de Letras de Bordeaux, bolsista de *licence* (1882-1884), *licencié ès lettres* (1884), bolsista de *agrégation* (1884-1886), *agrégé de philosophie* (1886), doutor (1892). Ele era então *maître de conférence d'histoire de la philosophie* na Faculdade de Letras de Bordeaux (1895). Dreyfusard e membro da Ligue des Droits de l'Homme em Bordeaux, era também um amigo muito próximo de Durkheim.

[17] Aristote [Aristóteles]. *Traité de l'Âme*. Trad. de Georges Rodier. Paris: E. Leroux, 1900.

[18] Maurice Croiset (1846-1935). Antigo aluno da École Normale Supérieure (promoção 1865), *agrégé de lettres*, doutor em 1874, professor de *Langue et Littérature Grecques* [Língua e Literatura Gregas] na Faculdade de Letras de Montpellier (1876), *maître de conférences* na École Normale Supérieure (1891), titular da cadeira de *Langue et Littérature Grecques* no Collège de France (1893-1930).

[19] Victor Brochard (1848-1907). Antigo aluno da École Normale Supérieure (promoção 1868) e *agrégé de philosophie*. Ele atuava então como *chargé de cours* de filosofia na Faculdade de Letras de Paris (1892).

[20] Rodier não foi candidato ao prêmio almejado da Académie des Inscriptions. Por outro lado, obteve em 1901, pelo mesmo trabalho, um prêmio da Association pour l'Encouragement des Études Grecques en France, no seio da qual Salomon Reinach tinha um papel destacado.

[21] Trata-se de Reinach, S. "Les survivances du totémisme chez les anciens celtes". *Revue Celtique*, 1900, pp. 267-306.

[22] Idem. "Quelques observations sur le tabou". *L'Anthropologie*, vol. 11, 1900, pp. 401-7, 1900. Durkheim, Mauss e Hubert são citados nesse texto.

[23] Veja-se, sobre tal questão, a carta que Durkheim escreveu a Hubert em 10 de março de 1902 (Durkheim, É. "Lettres de Émile Durkheim à Henri Hubert, présentées par Philippe Besnard". *Revue Française de Sociologie*, vol. 28, n.º 3, 1987, pp. 524-5).

Bordeaux, Bd. Talence, 218, 7 de dezembro de 1900

Caro senhor,

Tomo a liberdade de me dirigir-me à sua pessoa para obter uma informação que interessa a um de meus colegas da faculdade de letras, o sr. Rodier<sup>16</sup>.

Ele está publicando uma edição do *Περὶ ψυχῆς*<sup>17</sup>, com tradução e comentários, e gostaria de enviar-lhe um exemplar. Ele deseja apresentar essa obra para concorrer a um dos prêmios atribuídos pela Académie des Inscriptions; ele foi fortemente encorajado a isso pelo M. Croiset<sup>18</sup>. Brochard<sup>19</sup>, em uma carta que ele mostrou a mim, sugere-lhe o prêmio Estrade-Delcros (8.000 F) e o prêmio Saintour (3.000). Meu colega deseja saber se não deveria haver temeridade de sua parte em concorrer ao primeiro desses prêmios. Ele ignora — assim como eu — o valor médio das obras às quais o prêmio costuma ser concedido. O senhor poderia dizer-nos quais são os costumes estabelecidos na Academia em relação a isso, e se meu colega poderia ter chances reais de obter esse importante prêmio? Não foi ele quem pensou nisso; a ideia partiu de Brochard. Mas, acima de tudo, ele se preocupa em não ser demasiado pretensioso.

Eu agradeço-lhe pessoalmente por qualquer informação que puder nos dar; tenho muita estima e amizade por Rodier, e ficaria feliz em poder ser útil a ele, ainda que indiretamente<sup>20</sup>.

Ainda não pude tomar conhecimento de seu artigo da *Revue Celtique*<sup>21</sup>; foi Jullian que ficou com esse exemplar depois de meu retorno. Se, como é provável, foi você que me enviou um exemplar à parte de seu artigo sobre o Tabu<sup>22</sup>, aproveito a ocasião para agradecer. Eu esperava poder encontrá-lo durante minha última breve estadia em Paris durante o mês de outubro; mas, infelizmente, fui impedido de fazê-lo em virtude de meu estado de saúde pouco satisfatório, o qual não me deixava *mei juris*.

Espero que perdoe a liberdade que tomei e asseguro-lhe os meus mais devotados sentimentos,

É. Durkheim

Bordeaux, Bd. de Talence, 218, 14 de março de 1902

Caro senhor,

Hubert me enviou as informações que havia lhe solicitado<sup>23</sup>. Segundo Schurtz<sup>24</sup>, ele me escreveu, haveria no interior dos clãs totêmicos alguns grupos de indivíduos da mesma idade, os quais influenciavam as leis matrimoniais; e é dessa teoria que o senhor gostaria de conhecer a origem provável.

Você sabe como a partir das tabelas de Morgan<sup>25</sup>, relativas às nomenclaturas das relações de parentesco, pode-se derivar que algumas

expressões coletivas, as quais parecem designar uma relação desse gênero, aplicam-se a toda uma geração. Foi a partir disso que Giraud-Telon<sup>26</sup> concluiu, há algum tempo, que o clã era dividido por segmentos de gerações.

Mas não creio que seja somente a isso que Schurtz faça alusão. O modo como ele utiliza a palavra classe, a influência que ele atribui a esses grupos no que se refere às leis matrimoniais, me fazem pensar que ele pretende falar do que usualmente chamamos de classes matrimoniais, sobre as quais Howitt foi o primeiro a chamar a atenção<sup>27</sup>. A diferença é que Schurtz apresenta cada uma dessas classes como uma associação de indivíduos de mesma idade. Se essa for sua teoria, ela é a mesma que a de Cunow, formulada em *Die Verwandtschaftsorganisationen der Australneger*<sup>28</sup>.

Mas essas classes jamais formam bandos, são partes integrantes do sistema social. Por outro lado, eu acredito que é inexata a ideia de que cada uma delas constitua uma geração.

Queira aceitar, caro senhor, a expressão de meus mais devotados sentimentos.

É. Durkheim

Paris, R. St. Jacques, 260, 22 de dezembro de 1902

Caro senhor

Li apenas muito tardiamente o artigo que o senhor consagrou a mim em *L'Anthropologie*<sup>29</sup> porque não tínhamos a assinatura dessa revista, e porque a Sorbonne, menos equipada do que nossa pobre Universidade de Bourdeaux, ao menos nesse aspecto, não a recebeu. Tive alguma dificuldade em encontrá-la. É por isso que não lhe escrevi mais cedo para agradecer a atenção que o senhor nos dispensa tão fielmente, e pela simpatia com que segue o que fazemos. Mas não entendo bem porque se espanta com o fato de eu vincular exogamia e totemismo, pois o objeto de meu trabalho é mostrar que o único caso em que encontramos esses dois fatos dissociados não tinha a importância que se costumava atribuir.

Espero que me permita acrescentar a meus agradecimentos minhas mais sinceras felicitações por sua recente nomeação<sup>30</sup>. Isso me faz crer que a nomeação de Hubert também não encontrará dificuldades: de todo modo estou muito feliz.

Receba, eu o peço, meu caro senhor, a garantia de meus mais devotados sentimentos.

É. Durkheim

Paris, r. St. Jacques, 260, 28 de julho de 1903

Recebi apenas nesta tarde, em virtude de um erro no endereço, a carta que o senhor me enviou no dia 23 de julho, sobre Hubert. Ela é de fato tudo o que eu desejava, e conferiu maior autoridade à minha

[24] Heinrich Schurtz (1863-1903). Antropólogo alemão.

[25] Lewis Henry Morgan (1818-1881). Antropólogo americano.

[26] Alexis Giraud-Telon (1839-1916). Licenciado de direito em Paris (1861), era então professor de história da filosofia na Universidade de Genebra.

[27] Alfred William Howitt (1830-1908). Antropólogo inglês. As classes matrimoniais, típicas de grupos totêmicos em que a filiação era uterina, eram subdivisões de clãs secundários que impunham tabus suplementares para efeitos de casamento. Assim, em uma tribo hipotética composta por dois clãs, A e B, cada qual subdividido em duas classes, A' e A'', B' e B'', os indivíduos de A' só poderiam se casar com aqueles provenientes de B', o mesmo valendo para A'' e B''. Boa parte da literatura da época, o que inclui os autores citados na carta, acreditava que se tratava do efeito de uma repulsa natural, de fundo psicológico, quanto ao casamento de cônjuges de idades muito diferentes. Daí a ideia de que a classe seria determinada pela faixa etária. Durkheim, contudo, desenvolve outra teoria. Segundo o sociólogo, as filiações uterinas conviviam geralmente com o fato de que o filho era criado na casa paterna, ou seja, em um clã ao qual ele não pertencia. Como são as mulheres que circulam, cada geração de filhos crescerá em um ambiente moral diferente. A pertença a uma classe diferente situaria o indivíduo nesse jogo de relações entre clãs. Veja-se, sobre isso, Durkheim, "La prohibition de l'inceste et ses origines." *L'Année Sociologique*, vol. 1, 1898, pp. 9-28.

[28] Heinrich Cunow (1862-1936). Político, jornalista e sociólogo alemão. O livro ao qual Durkheim faz alusão foi publicado em 1894.

[29] Reinach, S. "É. Durkheim. Sur le totemisme". *L'Anthropologie*, vol. 13, 1902, p. 664-9. (Trata-se de uma nota sobre a memória "Sur le totémisme", publicada por Durkheim em *L'Année Sociologique*.)

[30] Por ocasião da aposentadoria de Alexandre Bertrand (1902), Salomon Reinach foi nomeado diretor do Musée des Antiquités Nationales, de Saint-Germain-en-Laye.

[31] O contexto sugere que a atuação de Durkheim dizia respeito à nomeação de Hubert como conservador titular (*conservateur-adjoint*) no Musée des Antiquités Nationales.

[32] No que tange tal projeto, veja-se *Les Comptes-rendus de l'Académie des Inscriptions & Belles-Lettres*, 1903, pp. 318-319 e 329. Após essa data, não foram encontradas outras alusões ao *Corpus*, o qual parece ter sido abandonado com a morte de Paul Tannery (veja-se a próxima nota).

[33] Paul Tannery (1843-1904). Historiador das ciências, antigo aluno da École Polytechnique (prom. 1861), Tannery destacou-se especialmente por editar as obras completas de Descartes. Ele também teve um papel de destaque na Association pour l'Encouragement des Études Grecques en France, da qual ele era presidente quando veio a falecer.

[34] Trata-se provavelmente de Georges Rodier.

[35] “É. Durkheim et M. Mauss. De quelques formes primitives de la classification”. *L'Anthropologie*, vol. 14, 1903, pp. 601-3. Trata-se de uma nota sobre a memória “De quelques formes primitives de classification”, publicada por Durkheim e Mauss em *L'Année Sociologique*.

atuação junto ao sr. Buisson<sup>31</sup>. Mas esse pedido ainda é útil? Depois de ouvir Hubert contar-me da conversa que teve com Rougon, acredito que não. Depois de ter lido sua carta, pergunto-me se não seria imprudente simplesmente não fazer nada. Sei que o senhor deve ter encontrado Hubert hoje e me pergunto sobre o que terá dito a ele.

Receba, caro senhor, a garantia de meus mais devotados sentimentos,

É. Durkheim

Eu moro no nº 260 (e não no 161).

Paris, Rua St. Jacques, 9 de novembro de 1903

Caro senhor,

Permita-me pedir-lhe algumas informações sobre um projeto do qual se ocupa a Académie des Inscriptions: trata-se da edição do *Corpus* dos filósofos bizantinos<sup>32</sup>.

Tannery<sup>33</sup>, que acredito ser o responsável por essa ideia, propôs a um de meus antigos colegas de Bourdeaux que assumisse a direção dessa publicação<sup>34</sup>. Meu colega espantou-se que Tannery não tenha se encarregado ele mesmo desse trabalho; por essa razão, antes de envolver-se mais com a questão, ele gostaria de informar-se melhor e por isso pediu que eu investigasse a questão.

Se lhe faltar tempo, dê essa resposta oralmente a Hubert na primeira ocasião em que o encontrar.

Eu imagino que aquilo que meu colega deseja saber é se há razões conhecidas para que Tannery decline uma direção que pareceria ser sua de direito.

Com meus agradecimentos, receba ainda, caro senhor, a afirmação de meus melhores e mais nobres sentimentos.

É. Durkheim

Rua St. Jacques, 260

Rua St. Jacques, 260. Quinta-Feira. [1903]

Caro senhor,

Mais uma vez só pude encontrar tardiamente o nº da *Anthropologie* no qual o senhor consagrou algumas páginas ao nosso último artigo em *L'Année Sociologique*<sup>35</sup>. Tenho muito reconhecimento por sua fiel simpatia. Tive a impressão — ao menos acreditei ter a impressão — de que há algumas reservas *in-facto* sobre as questões de fundo da tese. Compreendo isso muito bem; seria deplorável que ela fosse admitida muito rapidamente. Ainda que eu tenha fé nessa ideia, não pretendo tê-la demonstrado, mas apenas tê-la suficientemente estabelecido para que não seja descartada de forma sumária.



Todavia, suas últimas linhas me causaram certa inquietude. Será que ao penetrar nas trevas que queremos destrinchar acabaríamos por aí permanecer?

Com meus agradecimentos, receba também a afirmação de meus mais devotados sentimentos.

É. Durkheim

Paris, Rua St. Jacques, 260, 30 de novembro de 1904.

Caro senhor,

Hubert me informou que o senhor considera indicar *L'Année Sociologique* para concorrer a um prêmio importante<sup>36</sup>. Não sei se será possível dar continuidade a esse projeto, mas quero agradecê-lo por tê-lo concebido. Eu lhe tenho em particular reconhecimento por fazer com que *L'Année* seja reconhecido nesse meio da Académie des Inscriptions no qual ele é, segundo creio, pouco conhecido. Seria já um grande serviço que se falasse dele, mesmo que de seu apoio não resulte nenhum benefício material — o que, apresso-me em dizer, facilitaria muito sua existência.

Junto com todos os meus agradecimentos, receba, caro senhor, a garantia de meus mais devotados agradecimentos.

É. Durkheim

Sábado, Rua St. Jacques, 260 [1907 ou 1908]

Caro senhor,

Chegou-me a informação de que Gabriel Monod<sup>37</sup> estaria espalhando rumores segundo os quais Marcel Mauss seria herveísta<sup>38</sup>, e, nessa condição, não poderia ser aceito no Collège de France. Seria indiscrição de minha parte perguntar-lhe se estou corretamente informado e se posso dizer que foi do senhor que obtive essa informação, pois foi indiretamente de sua parte que a recebi (*via* Hubert)?

Minha intenção seria simplesmente a de escrever a Monod e a Bédier<sup>39</sup>, que também foi implicado, para desmentir junto a eles esse rumor que não passa de uma calúnia.

Até o presente esse foi o único obstáculo que encontrou essa candidatura que recebeu uma ótima acolhida.

Eu lhe agradeço desde já e peço-lhe que creia em mim como seu devotado.

É. Durkheim

R. S. Jacques, segunda-feira [1907 ou 1908]

Caro senhor,

Agradeço por sua resposta, a qual me deixou muito feliz. Custe a

[36] Não foram encontrados traços dessa proposição em *Les Comptes-rendus de l'Académie des Inscriptions & Belles-Lettres*.

[37] Gabriel Monod (1844-1912). Antigo aluno da École Normale Supérieure (promoção 1862), *licencié* (1863) e *agrégé d'histoire* (1865). Ele era então encarregado de uma cadeira temporária de história criada no Collège de France pela marquesa Arconati Visconti (1906). Monod foi também o fundador da *Revue Historique*.

[38] Alusão à corrente socialista radical e antimilitarista animada então por Gustave Hervé.

[39] Joseph Bédier (1864-1938). Antigo aluno da École Normale Supérieure (promoção 1883), *licencié* (1884) e *agrégé de lettres* (1886). Ele era então professor de língua e literatura francesas da Idade Média no Collège de France (1903).

[40] Mauss foi candidato à cadeira intitulada *Histoire des Religions* em duas ocasiões, 1908 e 1909.

[41] Jean-Vincent Scheil (1858-1940). Membro da ordem dominicana (1881), diretor das escavações de Sippar (1894), titular da cadeira de assiriologia na EPHE (1895). Em 1906, candidatando-se para a cadeira intitulada *Philologie et Archéologie Assyriennes* [Filologia e Arqueologia Assírias], Scheil foi eleito por seus colegas. Ainda assim, o governo atribuiu tal cadeira àquele que foi indicado em segundo lugar, Charles Fossey, colaborador marginal de *L'Année Sociologique*.

[42] Durkheim pensa aqui em Albert (1826-1906) e em Jean Réville (1854-1907). Os dois, pai e filho, foram ao mesmo tempo pastores e titulares da cadeira intitulada *Histoire de Religions* no Collège de France.

[43] Reinach, S. "Une étude sur les religions primitives". *Revue Critique des Livres Nouveaux*, 15 out. 1912, pp. 153-4.

[44] Veja-se, em particular, Reinach, S. *Orpheus, histoire générale des religions*. Paris: Picard, 1909, pp. 1-38.

acreditar que G. Monod pudesse ter sustentado o que me havia sido relatado (e que eu não havia recebido diretamente de Hubert). Foi justamente em virtude de minha dificuldade em aceitar essa informação que decidi me informar melhor junto ao senhor.

O que pode ter contribuído para esse erro foi o fato de que em uma conversa com um professor do Collège, há 8 ou 10 dias, G. Monod insistiu sobre a situação política de Mauss, na qual ele parecia ver uma objeção à sua candidatura, especialmente em virtude do tipo de assunto de que aquela se trata<sup>40</sup>. Seria, porém, extraordinário que a qualidade de monge (Scheil<sup>41</sup>) ou de pastor protestante<sup>42</sup> não constituísse uma objeção, mas que a qualidade de socialista desqualificasse alguém.

É possível, é bem verdade, que alguma afirmação tenha sido mais uma vez mal compreendida ou dita de maneira errada.

Junto com as desculpas pelos transtornos que lhe causei e com meus agradecimentos, receba, caro senhor, a garantia de meus mais devotados sentimentos.

É. Durkheim

Avenida de Orleans, XIV<sup>e</sup>, 26 de outubro de 1912

Caro senhor,

Acabam de me comunicar a resenha que o senhor consagrou a meu último livro na *Revue Critique des Livres Nouveaux*<sup>43</sup>. Agradeço por seu esforço em fazê-lo e pela simpatia que seu artigo, em seu conjunto, exprime pelo livro e por seu autor. Fico feliz em saber que aceita as diretrizes nas quais me inspirei.

Mas também tenho que responder a uma questão que o senhor coloca no final desse artigo. Eu não ignoro de forma alguma sua definição de religião<sup>44</sup>. Se não a citei para dar apoio à minha é porque não acreditava que estivéssemos de acordo; caso contrário, ficaria feliz de poder conferir mais autoridade à minha tese. O senhor definiu a religião como um sistema de escrúpulos. Ora, 1º), eu falei de interditos [*interdits*], e não de escrúpulos [*scrupules*]. Existe um abismo entre essas duas noções. 2º) Eu não creio que a religião seja um sistema de interditos. O interdito é apenas o sinal exterior a partir do qual podemos reconhecer mais facilmente a presença de uma coisa sagrada. Mas isso não esgota inteiramente a religião, pois ela é outra coisa, como procurei demonstrar.

Vou então reler seu livro (que agora não tenho em mãos) e verei se eu me equivoquei quanto a seu pensamento.

O senhor nos faz um grande favor ao acrescentar a nossas queixas a sua severa porém justa apreciação em relação ao papel utilizado pelo editor; trata-se, já há algum tempo, do hábito com o qual ele veste sua coleção. Quanto à ausência de um índice — algo pelo qual me recrimi-

na duramente —, esteja certo de que isso se deve a causas outras que evitar “esforço”.

Eu lhe peço, caro senhor, que esteja certo de meus mais devotados sentimentos,

É. Durkheim

Avenida de Orleans, 4, XIV<sup>e</sup>, 3 de dezembro de 1913.

Caro senhor,

Acabo de receber neste instante (em virtude de um erro no endereço a carta foi enviada para a rua St. Jacques) a convocação para a seção que deverá acontecer amanhã no Conselho do I.F.A.<sup>45</sup> às 5 horas. Infelizmente, durante esse período estou dando meu curso na Sorbonne.

É. Durkheim

[45] Trata-se do Institut Français d'Anthropologie, cujo expediente começou em janeiro de 1911. Encontravam-se aí pesquisadores como Marcel Cohen, Émile Durkheim, Robert Hertz, Henri Hubert, Lucien Lévy-Bruhl, Marcel Mauss, Antoine Meillet, Salomon Reinach, Paul Rivet e René Verneau. Durkheim fazia parte do conselho da instituição.

---

Recebido para publicação  
em 4 de novembro de 2011.

---

**NOVOS ESTUDOS**

CEBRAP

94, novembro 2012

pp. 151-160

---



**LIVROS PARA TODOS**

*Fundação Carlos Chagas*

Um projeto que busca incentivar o hábito da leitura, criando espaços de difusão de cultura em bibliotecas comunitárias por meio de atividades educacionais e da doação de livros.

Saiba mais sobre esta iniciativa.

Acesse [www.livrosparatodos.org.br](http://www.livrosparatodos.org.br)